

Mulheres desbravadoras

Elca era adolescente quando começou a trabalhar na Novacap, no final dos anos 50: nunca mais houve nada igual

CONCEIÇÃO FREITAS
DA EQUIPE DO CORREIO

Se os dizeres que Esmeralda usa em suas provas, o “pouco com Deus é muito, e sem Deus é nada” é dos que ela mais gosta. Nascida às margens do São Francisco, no penúltimo dia do ano de 1932, criada pelos avós, separada do marido (“atuei ele por seis anos”), três filhos, pegou um pau-de-arara, chacoalhou o corpo e as idéias durante seis dias num amontoado de homens, mulheres e crianças, até apear na Rodoviária de Anápolis, num dia qualquer do ano de 1957. Veio procurar emprego no Planalto Central. Esmeralda tinha 25 anos.

Quando a família de Helena desceu do ônibus, no ano de 1958, a paisagem resumia-se a um infindável campo de cerrado, onde havia somente dez casinhas recém-construídas. O lugar tinha recebido o nome de Taguatinga, mas nem de longe lembrava uma cidade ou um bairro. Era o sertão na sua mais agreste plenitude. Pai, mãe e seus onze filhos levantaram uma lona e ali ficaram por alguns dias, até que os irmãos mais velhos conseguiram uma pilha de madeira e meia dúzia de caibros, e toda a família se juntou para erguer um barraco. Helena tinha 15 anos.

Mulheres pioneiras, filhas de famílias pobres, que vieram para Brasília trabalhar junto com a multidão de homens. Naquele findar da década de 50, de cada 100 trabalhadores brasileiros, somente 14 eram mulheres. Esmeralda e Helena eram duplamente pioneiras, e muito mais que isso, como se verá na história de muito trabalho de cada uma delas. As duas continuam em Brasília, têm casa própria, filhos criados, e um passado floreado pela aventura de ter ajudado a construir uma cidade.

Esmeralda Nunes de Oliveira mora em Sobradinho, casa modesta, com uma impagável vista das montanhas do Distrito Federal. O dono do pau-de-arara a trouxe para o Centro-Oeste com o compromisso de ela pagar a passagem com dois meses de serviço de empregada doméstica para uma patroa previamente escolhida por ele. “Até hoje me lembro do nome dela, Adélia. A bicha era ruim, cruz-credo”. Esmeralda fazia de um tudo, até lavar casinha de cachorro e comprar fumo no mercado para a patroa fumar e cuspir pelas quinas das paredes.

Ficou só três meses na casa de Adélia — “o tempo da escravidão já tinha acabado fazia muito tempo, ó”. Arranjou-se com outro emprego de doméstica, mas antes de completar um ano de Anápolis,

veio para Brasília no rastro de dois compadres. Ajeitou-se numa invasão atrás de onde é hoje o Colégio Dom Bosco. Parede de pedaço de pau e teto de saco de cimento. Trouxe os filhos, mudaram-se para a Vila Amaury. Esmeralda cozinhou, lavou, passou, fez salgadinhos. Mais lavou do que qualquer outra coisa. “A gente se acorava num banquinho, botava a bacia em outro banquinho e lavava a roupa dos peões. As cobras de duas cabeças ficavam assim, esticadas, tudo querendo morder a gente”. Nesse tempo, Esmeralda lavava fardas do Exército.

Os filhos, Jocelina, Joventina e Juarez, nunca precisaram pedir um fiapo no vizinho. “Tinham a roupa da escola, a roupa de casa e a roupa de sair. Não estudaram mais porque não quiseram. Eu até tentei, mas quando chegava na sala de aula estava tão cansada que pensei: ‘Não vou espremer minha mente pra ficar doída. Deixa assim’”. Esmeralda se aposentou como funcionária do governo do Distrito Federal. Tem sete netos e dois bisnetos. Todos são brasilienses.

Era preciso acordar antes do sol para chegar à Novacap. A prestimosa mãe de Helena Vieira Bezerra, dona Maria, que Deus a tenha, chamava as duas filhas bem cedinho. Banho de água fria, café preto e as meninas saíam para o ponto de ônibus. Esperavam,

esperavam e nada da jardineira passar. Finalmente, surgia uma viva alma, a quem elas perguntavam as horas. Uma e meia da manhã, três da manhã. Como não havia relógio em casa, todos se guiavam pelo relógio biológico da mãe, nem sempre confiável.

Adolescentes, Helena e a irmã cavaram cisterna, sob orientação do pai que demarcava a circunferência, montava o sarilho e entregava dois baldes às meninas, para que elas cavassem o buraco. “Um dia, meu namoradinho chegou lá em casa sem avisar e, quando eu vejo, ele está lá em cima dizendo ‘oi’, e eu dentro da cisterna cheia de lama”, conta, rindo de satisfação por ter histórias como essa pra contar.

De manhã, ela era telefonista. Era o tempo do PABX de botão. Ouvia-se o tilintar do telefone, puxava-se um botão e completava-se a ligação. O bom mesmo era no final do mês, quando o caratinguá chegava, dinheiro em espécie, dentro de um envelope pardo. “Meu primeiro salário foi de 7, 3 mil cruzeiros. Era muito dinheiro. Mãe pegava os envelopes dos quatro filhos, dava um pouco pra gente e ficava com o resto pro sustento da casa”. Dona Maria morreu aos 74 anos, em 1998. Deixou 40 netos e 20 bisnetos, todos brasilienses.